
UMA ROMANCISTA NEGRA INTÉRPRETE DA NAÇÃO: RUTH GUIMARÃES EM *ÁGUA FUNDA*

*A BLACK WOMAN NOVELIST INTERPRETER OF THE NATION: RUTH GUIMARÃES IN *ÁGUA FUNDA**



Dossiê

Ressonâncias de escrevivências:
literatura, antirracismo e educação
literária

Organizadoras:

 Dra. Adriana de F. A. L. Barbosa

 Dra. Milena Britto de Queiroz

 Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto

v. 30, n. 57, dez. 2021
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v30i57.38289

Fluxo da Submissão

Submetido em: 31/05/2021

Aprovado em: 30/11/2021

Distribuído sob



 **Fernanda Rodrigues de Miranda**

fernandaromira@gmail.com

Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará. Doutora, mestra e bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo. Publicou “Silêncios prEscritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)”, Editora Malê, 2019.

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Ruth Guimarães (1920-2014) foi uma intelectual e escritora intérprete do Brasil. Em seu único romance, *Água funda* (1946) refletiu principalmente o tempo nacional como uma matriz da colonialidade. Na primeira parte deste artigo, apresento a trajetória da autora negra e as consequências do apagamento que sofreu para sua recepção contemporânea. Na segunda, analiso alguns aspectos do romance, destacando a elaboração narrativa como condutora de uma inscrição afro-diaspórica que suscita novas interpretações acerca da nação.

Ruth Guimarães; Romance; Autoria negra; Colonialidade.

Ruth Guimarães (1920-2014) was an intellectual and writer interpreter of Brazil. In his only novel, *Água funda* (1946) mainly reflected national time as a matrix of coloniality. In the first part of this article, I present the trajectory of the black woman author and the consequences of the erasure she suffered for her contemporary reception. In the second, I analyze some aspects of the novel, highlighting the narrative elaboration as the driver of an Afro-diasporic inscription that raises new interpretations about the nation.

Ruth Guimarães; Novel; Black authorship; Coloniality.

Trajetória autoral e as rotas do silenciamento nacional constituinte

É razoável pensar Ruth Guimarães pela metáfora das águas. A água em seu fluxo, correnteira: a água como caminho, como estabilidade e como reflexo do tempo. Metáfora ou cognição, as águas espelham tanto a autora como sua obra. Nascida em Cachoeira Paulista, às margens do rio Paraíba do Sul, sua trajetória foi como água correndo entre pedras, abrindo uma trilha para que hoje novas grafias brotem e cresçam no território literário brasileiro.

Autora de *Água funda* (1946), que vem a ser o primeiro romance publicado por uma autora negra no Brasil depois da abolição em 1888, Ruth Guimarães foi uma das raras mulheres negras a compor a roda dos modernistas paulistas, dialogando com os grandes escritores que lhe foram contemporâneos, como Mário de Andrade, Guimarães Rosa e Lygia Fagundes Telles. Não por acaso, a tela “Palmeiras” (1925), de Tarsila do Amaral, ilustra a capa da edição mais recente do livro (2018), apontando a inscrição do romance na cartografia modernista da qual é também parte, e situando a obra no tempo e no território cultural e estético na qual ela foi criada e recebida primeiro.

Como água abrindo caminho, Ruth foi provavelmente uma das primeiras pessoas negras formadas na área de Humanas da USP, tendo ingressado no curso de Letras em 1947 e habilitando-se em Letras Clássicas. Sua chegada à universidade está relacionada com seu reconhecimento público inquestionável enquanto intelectual, pois ela foi convidada a ingressar – em um momento em que não havia sido instituído ainda os processos de seleção – em decorrência da publicação de seu romance. Este dado possui grande relevância, considerando o projeto de criação da Universidade de São Paulo como algo pensado para ser o polo central de construção de pensamento da intelectualidade paulista – branca, elitizada e masculina. Na USP, ela se aproximou de pensadores como Roger Bastide, com quem cruzava interesses

nas linhas de folclore e cultura.

Ruth Guimarães foi (senão a) uma das primeiras escritoras negras a ocupar espaço nacional no cenário da literatura brasileira, ou seja, a tornar-se visível no mundo público de circulação de discursos enquanto autora de literatura. Nutriu este reconhecimento em vida, e desde o princípio.

Água funda, seu primeiro livro escrito, foi publicado à altura de seus 26 anos, e obteve uma recepção crítica auspiciosa. Os primeiros indícios da recepção interna ao próprio campo dos escritores são perceptíveis no depoimento de Amadeu de Queiroz, colhido por Silvio D’Onofrio:

Não encontrei nele o que censurar, suprimir, acrescentar – a escritora havia escrito um romance, e dizendo isto tenho dito tudo. (...) Só não gostei do título: chamava-se “Mãe d’água”, ou “Mãe do ouro”, não me lembro bem. Cheio de entusiasmo por ter dado com o verdadeiro talento, procurei o Edgar Cavalheiro, crítico de longa prática, conciso e desabotoado, ao mesmo tempo representante da livraria do Globo, de Porto Alegre. Conte-lhe o caso da moça e do romance, disparei-lhe em cheio o meu entusiasmo. Ele também me disparou um olhar de espanto porque, com tanto ardor assim da minha parte era de se espantar! Guardou os originais que lhe confiei, depois leu o romance e, a seu pedido, outras pessoas leram, inclusive o Jorge Amado, que andava por aqui e que foi até o meio [...] e todos, por fim, sem discrepância gostaram do livro. A escritora foi chamada, recebeu os merecidos cumprimentos de vários escritores, assinou um contrato com a Globo e o romance foi publicado com o título de “Água Funda”. O resto é sabido. Não descobri nem emendei, não corriji nem apadrinhei a escritora Ruth Guimarães, encontrei-a moça de vinte anos e já romancista. (QUEIROZ, Amadeu de. In: D’ONOFRIO, pp. 38-39, grifos meus).

O livro foi publicado pela livraria O Globo de Porto Alegre, e tornou-se um grande sucesso de crítica. Em 18 de setembro de 1946, Antonio Candido publicou uma resenha do romance no *Diário de São Paulo*. No dia 22, o *Jornal de São Paulo*, na edição de domingo,

estampou em página inteira: “De menina espeloteada e petulante à romancista benquista pelo público e elogiada pela crítica – Ruth Guimarães, a revelação literária de 1946”. O título da reportagem inicialmente dá a Ruth atributos questionáveis, “menina petulante e espeloteada”, sugere uma forma de mencionar alguém *fora do lugar* do literário – onde esperam seriedade e racionalidade. Na contramão disso, quando visitamos o legado dessa grande autora ressaltam características de altivez e autoconfiança. Alguém que sabia o que queria, e teve coragem para seguir suas escolhas, rompendo qualquer limite pré-estabelecido que lhe quisessem impor por ser mulher, negra, caipira – como ela dizia. Mas o fato a ser destacado é que Ruth Guimarães deu passos seguros e firmes rumo à sua realização como escritora e realizou seu projeto de vida: escrever sempre e morrer velha.

Não obstante essa longevidade, a autora é ainda pouco conhecida, confirmando a lógica de silenciamento sistêmico que atravessa a autoria negra no Brasil. De fato, logo após o lançamento *Água funda* ficou submerso em águas paradas. Isso pode ser verificado observando a circulação restrita da obra através do tempo e a incipiente fortuna crítica dedicada à autora.

Na 3ª edição de *Água funda* (2018) há um apêndice com um apanhado, àquela altura, atualizado, da fortuna crítica da autora, que totaliza o restrito conjunto de 27 títulos. Destes, 21 são notas de divulgação publicadas em jornais durante o ano de 1946 a 1947, principalmente na imprensa carioca e com menor força na paulista. Isso indica que o livro da escritora estreado foi inicialmente bem recebido, ou bem divulgado. No entanto, depois desse momento primeiro, a obra cai em um esquecimento profundo. Na cronologia crítica apresentada, um novo registro só irá aparecer em 2003, com a publicação do *Dicionário de Escritoras Brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho, que traz um verbete dedicado à autora. No universo acadêmico, a minha tese de doutorado (Miranda, 2019) é a primeira tese brasileira a analisar Ruth Guimarães.

Em 2008, aos 88 anos, Ruth tornou-se a primeira – e ainda única – autora negra membro da Academia Paulista de Letras, onde ocupou a cadeira de nº 22. Até hoje, este é um marco que a destaca dentro do universo das autoras negras do Brasil, dado que as Academias de letras espalhadas pelo país são ainda majoritariamente brancas e a ABL não possui em seu panteão sequer uma autora negra.

O perfil intelectual de Ruth Guimarães é admirável. Em uma entrevista de 2008, a escritora narra o princípio de sua trajetória autoral, lembrando seu ímpeto em procurar interlocutores no universo da escrita literária:

Eu não decidi escrever um livro não, o livro se escreveu sozinho. Porque eu escrevi uma coisa e outra, e quando eu fui para São Paulo, fui procurar os artistas. Veja só que atrevimento! Eu tinha dezessete anos, fui pra São Paulo, fui trabalhar, e gostava de escrever, e fiz uma visita a Abner Mourão do Correio Paulistano, defunto Correio Paulistano. O Abner Mourão leu o que eu escrevi, com aquele jeitão dele, botou os dois cotovelos em cima da mesa, da cátedra dele, de trabalho, e falou pra mim assim: “Foi a senhora mesmo que escreveu isso aqui?” Então aquele *mesmo* me esporiou, né? Claro que fui eu que escrevi, e considere como um grande elogio: *foi a senhora mesmo que escreveu isto?* E publicou, e publicou. (GUIMARÃES, 2008, s/p).

Essa dúvida, essa latência: *foi a senhora mesmo que escreveu isso aqui?*, aciona um dispositivo conhecido e hoje mais facilmente identificável, pois o tempo presente se sustenta no tempo passado, por outras pavimentado: por esse questionamento acerca da *legitimidade para produzir literatura* já passaram Carolina Maria de Jesus, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Conceição Evaristo, entre muitas outras. Antes delas, Ruth Guimarães se movimentou como água abrindo caminho entre as rochas fixas, criando condições de possibilidade para o nosso presente, respondendo altivamente a velha e constante pergunta: *você sabe qual é o seu lugar?*

Sabia, e publicou. Atuou em direções plurais dentro do campo da palavra. Junto à literatura, consolidou também uma trajetória

longa no jornalismo, tendo sido colunista dos principais veículos da imprensa paulista, como a Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo, por anos. Foi também muito presente no mundo editorial, firmando-se principalmente no campo da tradução – traduziu, preparou e prefaciou diversas obras da literatura do cânone mundial¹. Na universidade, foi uma pesquisadora dedicada aos estudos da cultura popular e do folclore, considerada por Antonio Candido “uma autoridade nos estudos da cultura popular”, tema que lhe rendeu diversos livros. Além da literatura, pesquisa, tradução, e jornalismo, Ruth Guimarães também dedicou-se à docência, tendo sido professora de diversas escolas e universidades pelo interior de São Paulo.

A trajetória intelectual de Ruth Guimarães se aproxima em alguns domínios da experiência de Maria Firmina dos Reis, sua antecessora, autora do primeiro romance publicado por uma mulher no Brasil – *Úrsula* (1859). Assim como a autora de *Água funda*, Firmina estreou com um romance, também único. Igualmente longeva, Maria Firmina dos Reis morreu três anos antes (1917) do nascimento de Ruth (1920). Duas gerações de mulheres negras. Duas romancistas. Dois romances. Maria Firmina dos Reis – autora do primeiro romance abolicionista brasileiro; Ruth Guimarães – a primeira romancista negra publicada depois da abolição da escravidão (*Água funda*, 1946). Ambas atuaram na imprensa e foram professoras, além de terem escrito em gêneros literários diversos.

Assim como nossa precursora do romance, Ruth Guimarães também criou, em sua ficção, uma forma de pensar a nação, produzindo uma narrativa cujo sentido profundo se destaca no contexto dos intérpretes do Brasil, ou ainda, da própria literatura modernista.

O romance *Água funda*

“Estas coisas aconteceram em qualquer tempo e em qualquer parte. O certo é que aconteceram. E, como sempre se dá, ninguém apreendeu nada do seu misterioso sentido”.

A epígrafe de *Água funda* transcrita acima, com acentos de “moral da história” projeta a narrativa ao campo do *universal*. Paradoxalmente, a inscrição serve de abertura a uma narração *localizada*, circunscrita a uma topografia específica. Referências circunstanciais às cidades de Itajubá, Cruzeiro, Maria da Fé, Soledade, Queluz e Caraguatatuba reforçam que o enredo se passa na região do Vale do Paraíba, mas a espacialidade é especificamente inscrita aos arredores da Fazenda Olhos D’água. Destarte, o romance parte do universal totalmente aberto, a um lócus altamente enraizado.

Universalidade e localidade, ou ainda, cosmopolitismo e regionalismo, segundo o pensamento de Antonio Candido, coaduna a dialética central da literatura brasileira. Essa chave conceitual foi, de fato, a principal fonte interpretativa requisitada pelos críticos em seus comentários sobre *Água funda*. A abordagem regionalista sustentada por Candido (e reproduzida através da pequena fortuna crítica da autora), apoia-se em alguns elementos compositivos do romance: a linguagem no entre-lugar do popular ao erudito; o recorte do local e da população circunscrita à especificidade de um território; a incidência de figuras lendárias que compõe o folclore brasileiro, como a Mãe de Ouro, enquanto instância mítica responsável pela relativização do livre-arbítrio dos sujeitos.

Contudo, a potência ficcional do romance pode ser melhor captada através de outro acesso, capaz de enxergar nela as fontes que vislumbrem sua *matéria-prima decolonial*. Distante da perspectiva epistemológica que lê *Água funda* como obra regional, busco uma outra margem do rio, capaz de realçar os traços diaspóricos da ficção de Ruth Guimarães. Com efeito, entre o regional e o universal, a ficção parece dialogar mais com a geografia simbólica da diáspora negra, na forma que assumiu no território brasileiro. Tal perspectiva pode ser percebida nos três pilares constitutivos do romance: no tempo, no espaço e na experiência dos sujeitos.

A narrativa de *Água funda* é toda con-

1 Ruth trabalhou para a editora Cultrix por anos, com traduções de obras do francês, alemão e latim.

centrada em um *locus* único e fixo. Mas tal especificidade, antes de regionalizar o romance, inscreve o gesto narrativo na tensão constitutiva (e transtemporal²) da sociedade brasileira: a Casa Grande e a Senzala – um paradigma transnacional por definição, parte do “sistema-mundo colonial-moderno” (MIGNOLO, 2005), que inscreve o nome do Brasil no atlas da modernidade. Esta sim, a “particularidade” do *locus* do romance: poderia ser *qualquer lugar onde houve escravidão*, posto que seu foco narrativo e núcleo de sentidos é “retirado do sítio por excelência da diáspora africana nas américas: o latifúndio monocultor” (CRUZ, 2011, p. 503), nas palavras de Adélcio de Souza Cruz.

No romance, esse território se expande, contrai e se refaz através do tempo, de modo que o texto narra a transição das temporalidades do engenho colonial para o princípio da indústria moderna, porém, filtrando nesse tempo uma terceira temporalidade, formada dos resíduos persistentes de pretéritos mal resolvidos, aquilo que permanece e é elástico. Em minha pesquisa (MIRANDA, 2019), elaborei o conceito de *espiral-plantation* para explicar e traduzir a dimensão dessa permanência, que confere ao romance um lugar de relevo dentro do aporte semântico dos estudos da colonialidade.

É exatamente o espaço (real e depois residual) da *plantation* que o narrador e as personagens do romance articulam como organismo vivo no tempo. Vista pelo paradigma da *plantation*, a epígrafe ganha outra dimensão. Senão, vejamo-lo: *Estas coisas aconteceram em qualquer tempo e em qualquer parte. O certo é que aconteceram. E, como sempre se dá, ninguém apreendeu nada do seu misterioso sentido.*

Em qualquer tempo, porque o paradigma da colonialidade atravessa temporalidades da nação. Em qualquer lugar, onde há ex-senhores e ex-escravos. Aconteceram – destacando o dado do real, porque nem todas as experiências históricas (principalmente as dos não-brancos) são vertidas em arquivo. Destaque-se ainda que a perspectiva universal que fundamenta o dito na epígrafe conjuga outro

sentido possível dentro do mundo bipartido e dicotômico da *plantation*: a ficção de Ruth Guimarães dá vazão à alteridade, algo que rompe com a lógica unilateral colonial – baseada na humanidade como imanência do homem branco.

Memórias da *plantation* é a tradução para o título da escritora, teórica, psicóloga e artista interdisciplinar afro-portuguesa Grada Kilomba *Plantations memories: Episodes of Everyday Racism* (2010), livro que também é uma performance. De acordo com Kilomba,

Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do ‘Outro’. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas e que “deveriam” ser mantidas “em silêncio como segredos”. Gosto muito dessa expressão, “mantidas em silêncio como segredos”, pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se presume ser um segredo). Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (KILOMBA, 2008).

Água funda poderia ser pensado como um romance que traz à superfície as memórias da *plantation*. Em muitos momentos, o narrador conjectura acerca dessas “Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas e que “deveriam” ser mantidas “em silêncio como segredos”; enunciando-as para um ouvinte que não tem fala, que está lá, no texto, para escutar a(s) história(s): “o moço”, cuja presença retórica performatiza a escuta, sem a qual a fala jamais ganharia o estatuto de romper o silêncio.

Plantation é um *locus* que articula o tempo colonial e a experiência negra aos territórios onde houve exploração da mão de obra africana no sistema americano de monocultura voltada para exportação. *Plantation*, pensada como o epicentro de uma plataforma que inter-

2 No sentido de que não está apenas na origem, pois se atualiza nas políticas do presente.

secciona tempo, espaço, trabalho e violência na configuração de uma subcategoria humana – o escravo – e de uma realidade social verticalizada e cromática, sustentando o estado nacional. Assim, a topografia onde as ações do romance se desenvolvem inscreve a ficção numa cartografia da diáspora, ou ainda, num espaço nacional cuja economia, epistemologia e organização social dependia da existência do cativo. Nesse sentido, o que foi lido como regional, no limite também pode ser observado como dicção de um *local* transnacional, visto que tal estrutura não se restringiu ao contexto brasileiro.

Água funda é uma narrativa dividida em duas fases. Na primeira, a fazenda é um núcleo escravista típico, com senzala, engenho, casa grande, escravos, senhores e crueldades. É propriedade da Sinhá Carolina, cujas ações protagonizam essa parte da história. Depois que a Sinhá vende a fazenda, começa a segunda parte da narrativa, que corresponde ao tempo presente da narração. Agora o espaço onde existia Olhos D'água se tornara uma usina para beneficiamento de cana de açúcar, e o protagonista da narrativa passa a ser Joca, empregado da usina. Assim, Carolina e Joca vivem tempos diferentes no mesmo (outro) espaço.

O duplo fazenda/usina representa a própria transição histórica pela qual o Brasil passou na primeira metade do século XX. Uma transição que modernizou os instrumentos, maquinaria e técnicas de produção, mas que manteve as estruturas simbólicas, políticas e sociais do engenho bem vivas. Assim, a transformação da fazenda em usina em si já documenta aspectos temporais, tendo em vista que deixa de ser parte do projeto agrário e escravocrata e passa a integrar o novo padrão industrial. Mas, em *Água funda*, o tempo se conjuga principalmente através dos sujeitos, das transformações residuais em suas vidas. Os sujeitos são vários, formam uma comunidade, e representam tipos sociais comuns à galeria de personagens coloniais: Sinhá, Senhor, mucamas, o bugre, capatazes, caboclos. Depois, trabalhadores da usina de açúcar, tropeiros, imigrantes europeus, empresários.

Em suma, o foco das tramas em *Água*

funda é a transição entre o engenho e a usina, ou entre o período escravo e a pós-abolição; mas, para mostrar os estreitos limites dessa mudança, a narrativa ilumina o cotidiano de uma comunidade atávica. Dessa forma, a experiência da *plantation* – e depois a memória da *plantation* – são elaboradas na ficção engendradas ao fundo, ao centro e ao redor de uma ideia de Brasil profundo, em sua transparente colonialidade.

Como ensinando a olhar através das águas, o romance reflete a *colonialidade* (MIGNOLO, 2017) como dimensão constituinte do nacional, lógica subjacente à fundação e aos desdobramentos da sociedade brasileira.

Desta perspectiva, relê-se o próprio nome do lugar no qual a(s) história(s) se desenvolve(m). Olhos D'Água pode tanto remeter a olhos que choram, ou aludir à nascente ou mina de água. Águas saindo do corpo, ou águas saindo da terra, o fato é que *Água Funda* se junta às águas da diáspora negra.

Ruth Guimarães não foi apenas uma mulher pioneira e longeva, resistente e audaciosa; ela também produziu uma elaboração estética para a experiência histórica nacional de colonialidade, através de sua maneira de narrar o tempo. A primeira romancista negra publicada no pós-abolição, elabora esteticamente em seu romance o conhecimento de que a ruptura com os dispositivos coloniais que fundaram a nação não se deu à vera. Pelo contrário, segue um ritmo constante, adaptável e renovável, como a água. Com efeito, a elaboração ficcional da experiência histórica realizada no romance *Água funda* demarca que o paradigma histórico do pós-colonial não significa uma ruptura real com a colonialidade, nem na perspectiva do tempo, nem do espaço, nem dos sujeitos.

Tudo ficou como dantes. Foi o mesmo que Sinhá nunca tivesse existido. A gente passa nesta vida, como canoa em água funda. Passa. A água boia um pouco. E depois não fica mais nada. E quando alguém mexe com varejão no lodo e turva a correnteza, isso também não tem importância. Água vem, água vai, fica tudo no mesmo outra vez. (GUIMARÃES, 2018, p. 53).

Referências

CRUZ, Aldécio de Sousa. “Ruth Guimarães”. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Antologia Literatura e afrodescendência no Brasil. Belo Horizonte, Ed UFMG: 2011, pp. 501-508.*

D'ONOFRIO, Silvio Cesar Tamasso. *O grupo da Baruel e a intelectualidade paulista nos anos 1940. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/ Programa de Pós-graduação de História Social, 2017.*

GUIMARÃES, Ruth. *Água Funda. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2018.*

GUIMARÃES, Ruth. *Entrevista. Disponível em: http://www.jornalonline.com.br/2008/set/entrevista/ent_ruth.php. Acesso em 30. maio 2021.*

KILOMBA, Grada. *Plantation memories: episodes of everyday racism. Münster: Unrast, 2008.*

MIGNOLO, Walter D. “A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade”. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 71-103*

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.*

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula. 6. ed. Belo Horizonte, Ed. PUC Minas, 2017.*

Como Citar:

RODRIGUES MIRANDA, F. Uma Romancista negra intérprete da nação:: Ruth Guimarães em “Água Funda”. *Revista Cerrados*, 30(57). <https://doi.org/10.26512/cerrados.v30i57.38289>